



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
Reunião de Trabalho sobre Coesão Social – III Cúpula América Latina e
Caribe – União Européia**

Guadalajara – México – 28 de maio de 2004

Com grandes sacrifícios, estamos empreendendo em nosso Continente a reestruturação de nossas economias.

Estamos saneando nossas finanças públicas. Modernizamos e tornamos mais eficiente a ação governamental. Adotamos a responsabilidade fiscal na gestão pública. Reduzimos as vulnerabilidades que comprometem e limitam o desenvolvimento econômico e social. Preparamo-nos para melhor interagir em uma economia crescentemente mundializada e interdependente.

Mas é evidente que não basta “fazer o dever de casa”, como tanto se diz.

Mais grave: todo nosso sacrifício não impediu que se mantivessem inalteradas, ou, pior, se agravassem, as estatísticas da fome, da pobreza, do desemprego, da desesperança.

No mundo globalizado são claros os limites para o que podem fazer nossa vontade e nossos esforços, isoladamente. Esses limites são ainda mais claros para os países mais vulneráveis dentre nós.

A fome, a pobreza, a desigualdade e a exclusão dividem nossas sociedades. Geram instabilidade política. Contribuem diretamente para o aumento da insegurança. Põem em risco a governabilidade democrática. E podem representar ameaça à paz e à segurança internacionais.

É preciso, portanto, enfrentar com determinação e coragem a discriminação, o preconceito, a exclusão, reverter a marginalização econômica e social de segmentos numerosos de nossas populações. Para transformar a vontade em ação são exigidos meios e instrumentos.



O desenvolvimento econômico é condição necessária, mas não suficiente. Não há desenvolvimento econômico verdadeiro sem distribuição de renda, sem justiça social.

A cooperação internacional tem papel importante a desempenhar nesse desafio. É indispensável para que nossa ação seja exitosa em cada um de nossos países.

Sempre que as economias da América Latina e do Caribe cresceram, nossas exportações aumentaram, assim como nossas importações. Abriram-se oportunidades para investimentos vantajosos em nossos países.

A cooperação internacional não só tem a generosa dimensão da solidariedade, ela beneficia economicamente a todos.

Tenho a convicção de que é preciso unir cooperação internacional à vontade e ao esforço nacional na luta a que estamos dedicados no Brasil para erradicar a fome e reduzir a pobreza.

A fome é a mais poderosa arma de destruição em massa. Mata 24 mil pessoas por dia, extingue a vida de 11 crianças por minuto. Atinge quase um quarto da humanidade. Reduz drasticamente a capacidade de produzir dos mais velhos. Compromete seriamente as possibilidades de aprendizagem. É nesse cenário que aparecem os ressentimentos de que se alimentam as soluções de violência para os problemas sociais e políticos.

A solidariedade tem de assumir a forma de uma parceria global, capaz de mobilizar a determinação política e o apoio financeiro, de energizar governos, o sistema das Nações Unidas, as instituições financeiras e comerciais internacionais. Deve reorientar prioridades e políticas de desenvolvimento. Deve buscar reduzir assimetrias econômicas e comerciais, através da eliminação das distintas formas de subsídio que perturbam o livre comércio.



A luta pela inclusão social não é batalha solitária. A convocação para a cooperação internacional tem partido, felizmente, de um número crescente de encontros e tem inspirado importantes iniciativas.

Lembro-me, em particular nesta direção, a Conferência de Monterrey sobre o Financiamento para o Desenvolvimento e a Conferência de Johannesburgo sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

Destaco como instrumento de suma importância o Programa Mundial de Alimentos, o Fundo da FAO para a Segurança Alimentar, o Fundo da Solidariedade. A eles acrescento o Mecanismo estabelecido pelo Brasil, Índia e África do Sul, e o Mecanismo Internacional de Financiamento proposto pelo governo britânico.

Refiro-me, uma vez mais, à convocação do Grupo do Rio a mecanismos financeiros inovadores, feita durante a Secretaria Pro Tempore do Peru.

E termino minha intervenção reiterando o convite enviado a todos os chefes de Estado e de Governo para que se somem aos presidentes Chirac e Ricardo Lagos, ao secretário Kofi Annan, e a mim mesmo, no dia 20 de setembro; às vésperas da Assembléia Geral da ONU, para que sigamos e ampliemos o diálogo sobre o grande desafio de nossos dias: o do combate à fome, à pobreza e à exclusão social.